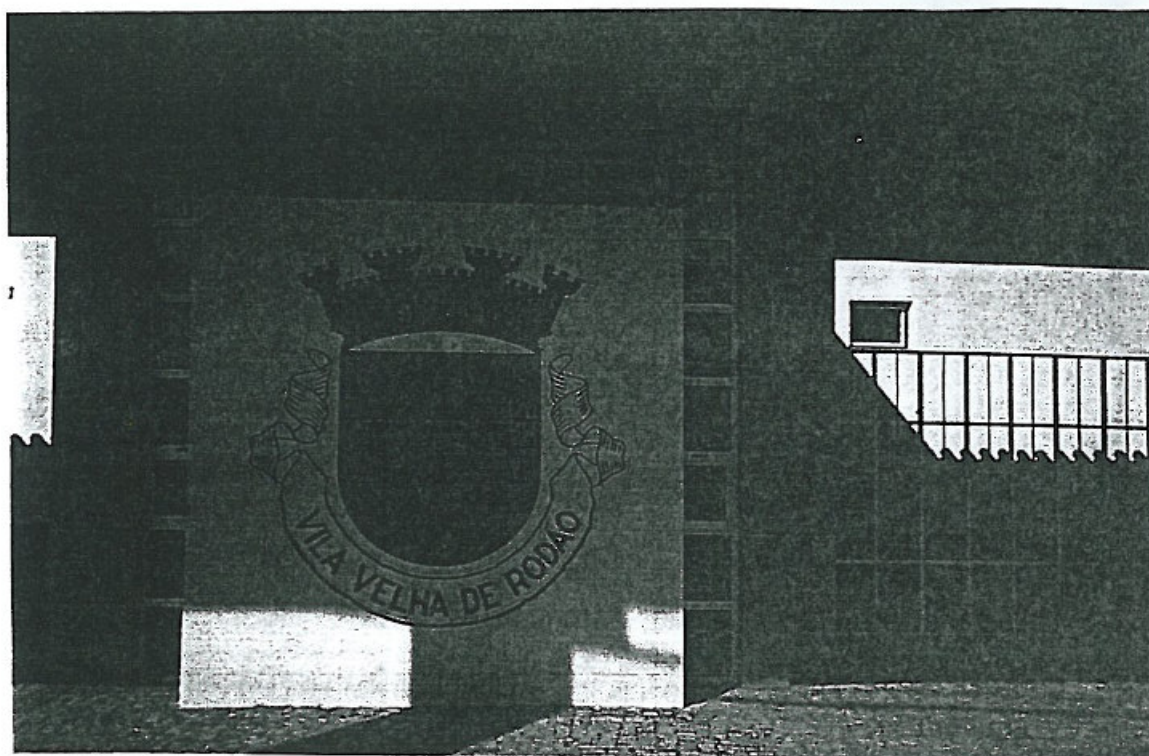


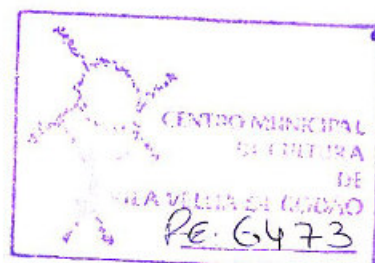
392/MAT
azul

Universidade Nova de Lisboa- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-
Departamento de Antropologia

Namoro e Casamento em Vila Velha de Rodão



15 Junho 1998



Trabalho realizado para a cadeira de Etnologia Portuguesa 3º ano

Docente: Profª Paula Godinho

Discentes: Susana Isabel Vasconcelos de Matos

Ofélia Maria Pinto Simões

Agradecimentos

Prof.^a Paula Godinho pela ajuda prestada ao longo do trabalho e pela oportunidade que nos deu para a realização de um trabalho de campo.

Dr. Francisco Henriques e esposa pela simpatia e disponibilidade para conosco e pelo fornecimento de alguma bibliografia bastante útil ao trabalho.

Dr.^a Edite Candeias do pelouro da cultura da C.M. V.V. Ródão que se disponibilizou para qualquer ajuda necessária.

Dr.^a Graça do centro de cultura pela facilidade com que nos permitiu o acesso às várias obras.

A todas as pessoas da Câmara Municipal e do Centro de cultura que nos permitiram o trabalho

Ao Gabriel pela enorme simpatia e disponibilidade.

Ao Sr. Padre e à Sr.^a da Papelaria pelo facto de permitirem o acesso aos registos paroquiais de casamento.

Aos funcionários da pousada "Portas de Ródão".

A todos os nossos informantes pela sua extrema simpatia e pela enorme disponibilidade em nos contarem a sua "história de vida" relativo ao "namoro e casamento".

A todos os autores que através das suas obras nos permitiram a realização deste trabalho.

Índice

	pág.
Agradecimentos	2
Índice	3
Introdução (tema, objectivos, questões de partida, percurso metodológico)	4
Caracterização física e sócio- económica de Vila Velha de Ródão	10
Enquadramento teórico de “casamento”	15
Namoro e Casamento	19
- Namoro	19
- Serviço Militar	20
- Casamento	21
- O pedido de casamento	22
- Preparação do casamento	23
- Cerimónia do casamento	23
- Dádivas aos noivos	25
Conclusão	
Bibliografia	
Anexos	
Identificação dos informantes	
Guião de questões	
Lenda do rei Wamba	
Fotografias	

Introdução: tema, objectivos, questões de partida e percurso metodológico

Tema

Este trabalho tem subjacente um estudo cujo tema se reporta ao “namoro e casamento” numa vila da Beira Interior- Vila Velha de Rodão (é constituída pela vila e por Porto do Tejo), mais propriamente num bairro local. Desta forma, convém salientar que o nosso estudo se restringiu apenas a um bairro na zona de Porto do Tejo- Bairro Carmona (foto 1 em anexo) englobando desta forma um pequeno nº de pessoas, na sua maioria mulheres com mais de 55 anos de idade e todas elas pertencentes a uma classe social baixa, assim sendo as nossas conclusões acerca do “namoro e casamento” deste grupo não se podem generalizar de forma alguma para toda a vila, mas só para este bairro.

Objectivos

Pretendemos com este trabalho recuar no tempo até à década de 40/50/60 tendo como principais objectivos saber se é possível estabelecer um modelo-padrão de “namoro e casamento-locais onde namoram, preparação e cerimónia do casamento etc”, assim como, quais as estratégias, “(...) conjunto de práticas que visam objectivos concretos, não pode, (...) deixar de ter em conta formas de ocupação de lugares na estrutura e no contexto sociais.” (Martins, 1991: 40), ou seja, qual o conjunto de práticas utilizadas por este grupo de pessoas no namoro e posteriormente para o casamento que em sentido mais restrito “é a união entre homem e mulher visando a produção de indivíduos que à partida detêm direitos e deveres emanados do estatuto dos seus progenitores”. (Martins, 1991: 40)

Este tema será tratado tendo como base de sustentação alguns “relatos de vida” recolhidos entre as pessoas residentes neste bairro, que sejam naturais ou não de Rodão, no caso de não serem naturais da vila que tenham passado grande parte da sua juventude e principalmente, que tenham casado na vila, aspecto relevante para a recolha dos “relatos de vida”.

Questões de partida

Um conjunto de questões de partida guiaram-nos neste estudo de campo e ao mesmo tempo funcionaram como “molas impulsionadoras” para a elaboração de “relatos de vida” e posteriormente para a análise desses mesmos relatos, conduzindo à elaboração do resultado final “Namoro e Casamento”.

Antes de partirmos para o terreno, foi elaborado um guião de questões a fim de facilitar as entrevistas, contudo este foi sendo modificado com algumas questões que julgamos pertinentes (ver guião em anexo). Para além do guião, foram ainda pensadas algumas questões que gostaríamos de ver esclarecidas, tais como:

⇒ Saber se existia algum local de encontro privilegiado e aceite pela sociedade onde surgiam encontros entre rapazes e raparigas.

⇒ Factores sociais, económicos, culturais que estão na origem da escolha de cônjuge por parte dos informantes; como casaram em termos de estatuto social, se no mesmo nível sócio-económico se em hipergmia ou hipogâmia.

⇒ Se as estratégias matrimoniais ocupam lugar preponderante no controlo da reprodução social e se o casamento era alvo de preferências em virtude da junção de propriedades.

⇒ Saber se é possível destacar um conjunto de estratégias de "namoro e casamento" e se a escolha do cônjuge é individual ou arranjada, casamento tardio ou não, tipo de residência, quem vive com o casal ou outros factores que influenciam o casamento.

⇒ Qual a organização do casal após o casamento e o nascimento dos filhos (se a mulher trabalhava se deixou de o fazer).

⇒ Evolução das estratégias de namoro e casamento ao longo do tempo.

Percurso metodológico

Escolhido o tema e determinados os objectivos e as questões de partida, procurou-se conciliar assim, uma metodologia apropriada e que permitisse a materialização do nosso trabalho.

Este estudo foi realizado durante as férias da Páscoa entre os dias 3 e 9 de Abril de 1998. No dia 3 (6ª feira) partimos para o terreno, viagem feita de comboio com partida de Lisboa ao 12.00 m e chegada ao destino- estação de V.V. Ródão às 15.30 m, dirigindo-nos logo de seguida para a Câmara Municipal da vila onde procuramos a Dr.ª Edite Candeias com quem falamos, por volta das 17.30 m fomos para a pousada onde ficamos instaladas. Os dias que se seguiram foram de intenso trabalho, ora falando com os informantes, ora indo ao centro de cultura ou conversando com o Sr. Pároco, etc. No dia 9 de Abril às 10.00 m regressamos do terreno.

De início, no terreno começamos por nos informar de qual seria o local mais indicado para a realização do trabalho, uma vez que não poderia ser generalizado a toda a vila, assim logo nos indicaram um bairro em Porto do Tejo, o bairro Carmona.

Pensando nos objectivos traçados, procurou-se adoptar uma metodologia sustentada, no início pela observação directa, isto é, dando um passeio pela zona onde o trabalho iria ser realizado a fim de ver quem por ali morava, para ser possível escolher alguns informantes e tendo como principal objectivo recolher "relatos de vida" que permitissem analisar os aspectos fundamentais relacionados com o namoro e casamento.

De acordo com este método, as pessoas foram abordadas por mais que uma vez, através de conversas realizadas ao longo dos dias que estivemos no terreno.

Convém salientar o facto de que todos os nomes utilizados para nos referirmos aos informantes são fictícios, não obedecendo a nenhum critério de escolha (escolhidos ao acaso).

Depois de escolhido o primeiro informante logo nos aproximamos e então identificámo-nos dizendo que éramos estudantes da Universidade Nova de Lisboa e que estávamos a realizar um trabalho de investigação em colaboração com a Câmara Municipal da Vila mais propriamente com a Dr.^a Edite Candeias e com o enfermeiro Francisco Henriques (ambos nos permitiram que referíssemos os seus nomes a fim de facilitar o trabalho junto das pessoas), desta forma as conversas foram bastante facilitadas. Posto isto, explicamos então o que pretendíamos, ou seja que nos contassem a sua história relativa ao “namoro e casamento”. Ha excepção da 1^a informante todas as outras se riram, dando por vezes uma forte gargalhada aquando da explicação acerca daquilo que pretendíamos “namoro e casamento”. A nossa informante Isilda, no início julgou que fôssemos da religião Jeová mas depois logo lhe explicamos o que queríamos e referimos que já havíamos falado com a senhora Marquinhas e assim nos recebeu (a partir daqui queria era contar as suas histórias).

Foi através de uma única pessoa (Marquinhas) que toda a nossa investigação se desenrolou, pois ela foi-nos encaminhando para outras pessoas: vizinhos ou familiares que devido à organização das casas estavam todas próximas.

Para a realização dos “relatos de vida” escolhemos das pessoas indicadas um grupo com idades superiores aos 55 anos, de ambos os sexos, assim como pretendíamos também um grupo mais jovem a fim de se estabelecer de certa forma uma evolução nas estratégias utilizadas no “namoro e casamento”, aspecto este que não foi conseguido devido ao reduzido número de informantes mais jovens, sendo este um dos pontos que após a chegadas ao terreno fomos obrigadas a alterar, em vez de estabelecer uma evolução das estratégias ao longo dos tempos, optamos por estudar apenas um período de tempo, décadas de 40/50/60. Das pessoas escolhidas e em virtude de serem ou familiares ou vizinhas, encontramos mãe e filha, o casal ou mesmo as vizinhas juntas. Quando isto aconteceu procuramos falar com as pessoas em grupo mas também individualmente e assim percebemos que coisas que enquanto em grupo não contavam depois sozinhas já o faziam.

A população residente neste bairro era relativamente idosa, sendo a maioria das nossas informantes viúvas e poucos eram os homens existentes no bairro, daí a impossibilidade de realizar em igual número “relatos de vida” femininos e masculinos, outro dos problemas, foi a realização de “relatos de vida” de pessoas mais jovens.

Assim, para este trabalho toma-mos como unidade de análise um grupo ou “(...) conjunto de pessoas relacionadas entre si por laços de parentesco ou vizinhança (...)”, (Afonso, 1987: 83) tendo sido realizadas 12 entrevistas (8 mulheres e 4 homens), onde só uma tem idade inferior a 55 anos.

Todas as conversas com os nossos inquiridos foram gravadas com autorização dos mesmos e sem qualquer tipo de reticências relativamente ao uso do gravador, contudo, chegaram-

no **S**a perguntar se aquela gravação não seria para a rádio ou para a televisão, mas apesar disto nunca se importaram da gravação das conversas, utilizamos ainda um caderno de campo onde iam anotando aquilo que mais nos interessava e convinha ser explorado, para no fim da conversa podermos voltar a esses pontos sem nos esquecermos, era ainda neste caderno que anotávamos gestos, reações, emoções etc., expressas pela pessoa enquanto falava de determinado assunto mais ou menos delicado. Todas as gravações (três cassetes) foram transcritas para o papel de forma a estarem mais organizadas para facilmente encontrarmos uma sequência lógica. Foram ainda tiradas algumas fotografias para a ilustração do trabalho. Relativamente a fotografias foram-nos mostradas fotos de casamento pelas nossas informantes D. Armanda e D. Arica que o fizeram com grande orgulho.

Nesta nossa investigação, recorremos ainda a fontes locais: os registos paroquiais relativos ao casamento, e "A afirmação de Jonh Davis no seu livro *People of the Mediterranean* (1977) é absolutamente correcta "(...) ignorar os arquivos históricos relativos às comunidades rurais europeias constitui um erro metodológico muito grave." (O'Neill, 1984: 39). No caso do bairro estudado, estas fontes permitiram-nos confirmar ou não alguns dos dados obtidos junto dos nossos informantes relativamente às idades, data e hora de casamento e respectivos padrinhos. Todo este processo foi bastante demorado, daí que por mera falta de tempo não tenhamos consultado os registos de baptismo, para confirmar ou negar que os padrinhos de baptismo no caso de estarem vivos foram também os de casamento.

Para a procura da bibliografia efectuamos algumas visitas ao Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento da vila onde nos foi facultado o acesso a várias obras, teses e folhetos deveras importantes, e que posteriormente vieram a ser bastante úteis ao trabalho relativamente à caracterização física e sócio económica da vila, bem como no que diz respeito a comparações com outras monografias feitas na zona, assim como alguns livros e notas bibliográficas que o Dr. Francisco Henriques nos forneceu. Por uma questão de facilidade fotocopiámos todos os textos que nos pareciam importantes para a elaboração do trabalho.

Regressadas do terreno e fazendo-nos acompanhar do material atrás recolhido, recorremos ainda a várias obras (entre elas teses de doutoramento e mestrado) existentes na Biblioteca da Faculdade, do Departamento e Municipal.

Durante a estadia no campo algumas foram as dificuldades encontradas, começando pela dificuldade de falar com os poucos homens do bairro Carmona, se por um lado as mulheres queriam era falar, os homens por outro não gostavam muito de conversas, não sei se pelo facto de nos termos explicado mal relativamente àquilo que pretendíamos ou ainda resultado da sua desconfiança e por não gostarem de falar de assuntos como o "namoro e casamento". Aqueles que queriam falar e mostravam maior disponibilidade não eram de lá naturais, nem tinham lá casado, aspecto fulcral na escolha dos informantes, apesar das dificuldades ainda conseguimos 4

informantes, tendo dois deles feito relatos de vida bastante completos, enquanto que os outros dois nem por isso, embora dando para retirar alguns aspectos importantes, daí a referência a estes dois.

A nossa primeira inquirida, senhora Marquinhos contou-nos que o marido antes de casarem “não partia um prato” e depois “partiu a loiça toda” e a certa altura diz-nos que havia sido “enganada” por ele (marido), inocentemente perguntamos se ele a tratava mal e ela disse logo que não, o que estranhámos, porque se havia sido “enganada” era porque ele durante o namoro a trataria bem e depois de casados já a trataria de outra forma (seria mau para ela), então perguntamos porque havia sido “enganada” por ele, ela disse-nos que quando casou “ia de bairra”, logo percebemos que ser “enganada” significava casar grávida.

Outra das dificuldades encontradas foi o pouco tempo que estivemos no terreno, daí que alguns pontos não estejam tão bem explorados como pretendíamos, sendo um bom exemplo disso a violência entre o casal que com mais algum tempo os nossos informantes nos teriam relatado melhor as várias situações, algumas delas ainda falaram disso mas por ser um ponto tão “melindroso” não se alargaram em conversas.

Antes de iniciarmos o trabalho propriamente dito “Namoro e Casamento”, e numa primeira parte achamos por bem fazer uma caracterização física e sócio-económica da vila onde realizamos o nosso trabalho para um melhor conhecimento da mesma. Assim, esta caracterização de Vila Velha de Ródão teve como fonte utilizada o *Plano Director Municipal de Vila Velha de Ródão*, bem como alguns folhetos fornecidos pela Câmara Municipal da vila e ainda algumas visitas posteriormente feitas ao I.N.E para a obtenção de alguns dados estatísticos relativos à vila e ao bairro.

Definidos estes pontos essenciais ao trabalho, resta-nos agora acrescentar que se procurou aludir num enquadramento teórico correspondente à segunda parte deste trabalho, ao conceito de “casamento”, segundo vários autores. De seguida foi apresentado o modelo de “namoro e casamento” comprovado com alguns extratos das “histórias de vida” já elaboradas, procurando assim estabelecer também as “estratégias” utilizadas por este grupo e sempre que possível, confrontá-las com outros estudos relativos ao mesmo tema e realizados em aldeias próximas. Na parte final, ao mesmo tempo que respondemos a questões anteriormente colocadas, também faremos algumas comparações do nosso tema em relação aquilo que se passa na bibliografia obrigatória da cadeira.

Caracterização física e sócio-económica de Vila Velha de Ródão

1- Localização, geologia e clima

Vila Velha de Ródão é sede de concelho com 4960 habitantes (INE- censos de 91) pertence ao distrito de Castelo Branco e tem uma área de 328 km², distribuídos pelas freguesias de Fratel, Vila Velha de Ródão, Samadas de Ródão e Perais, abrangendo 42 povoações.

A vila, (foto 2 em anexo) com 2436 hab. (1182 homens) de população residente (I.N.E.- Censos 91), está situada na margem direita do rio Tejo, junto a um importante acidente geográfico que são as portas de Ródão e a 30 km a sul-sudeste do concelho de Castelo Branco que o limita a norte, numa zona de transição entre o norte e o sul de Portugal, faz ainda fronteira com Cedillo (Espanha) a leste, a sul com o concelho de Nisa e a sul- sudeste com o de Mação e com o concelho de Proença-a-Nova a ocidente.

Vila Velha de Ródão situa-se na região da Beira Interior, zona que constitui um território fronteiro interior e periférico, relativamente ao conjunto do Continente e com problemas resultantes da descontinuidade territorial o que dificulta as relações económicas, sociais e culturais com a região espanhola que lhe está adjacente. A sua localização ainda condiciona o desenvolvimento normal de redes de interacção sócio-económica e cultural.

A vila, é constituída por dois núcleos: a vila propriamente dita, que sobe pela serra do Perdígão, e o Porto do Tejo que nasceu do tráfego fluvial anterior à construção da ponte e do caminho de ferro que se desenvolveu depois ao longo da estrada, zona onde o bairro (Carmona) por nós estudado se situa.

A distância que separa o município das principais cidades do país: Lisboa 232 km; Porto- 248km e Coimbra 153km respectivamente.

O município tem um espaço geográfico de limites físicos precisos, principalmente a nível hidrográfico e que se desenvolve na bacia hidrográfica do Tejo e seus afluentes, Ocreza (N-SW) e o rio Ponsul (NE-SE) que irrigam com os seus caudais as terras secas tornando a paisagem mais verde, nas margens destes rios erguem-se terraços cobertos de olival. A rede hidrográfica tem ainda uma série de cursos de água, principalmente na zona este do concelho com as ribeiras do Açafal, de Locriz, da Vila, do Vale de Pousadas, de Alfrivida, do Vale de Morgado e a oeste a ribeira do Perdígão.

O concelho, em altitude é dominado por uma serra designada por serra do Perdígão, pela serra das Talhadas e serra de São Miguel (no concelho de Nisa) que se desenvolve desde as proximidades do Alvito (concelho de Proença-a-Nova), até ao termo de Nisa, já a sul do Tejo onde termina abruptamente. Toda a região envolvente desta serra é constituída pelas rochas do complexo xisto-grauváquico.

Os recursos minerais do concelho que estão a ser explorados com fins comerciais são as areias e os barros, as primeiras são extraídas do leito do rio Tejo, desde 1968 pela empresa Conceição Lopesna, situada a poente das portas de Rodão, onde o rio apresenta maior largura. Existe ainda, nas proximidades uma fábrica de cerâmica que produz em condições absoletas, tijolos e telhas. Os terrenos explorados por esta fábrica são sua propriedade e não existem dados sobre as reservas.

A água subterrânea do concelho não se encontra poluída e a maioria das freguesias e povoações são abastecidas por furos que fornecem água durante todo o ano; é importante salientar ainda a existência de uma fonte de água mineral termal que nasce na margem norte do rio Tejo a ocidente da vila. A água desta fonte brota a 23° C e é hipossalina e ligeiramente ácida podendo ser utilizada para o tratamento de doenças de pele e do aparelho digestivo. Em virtude do seu pequeno escoamento não é comercializada.

O concelho apresenta um clima temperado e moderado tendo como temperatura média anual do ar 15° C e a amplitude da variação anual da temperatura do ar que se situa entre os 13,5° C e 18,5° C isotérmicos (a temperatura média do mês mais quente -Julho- é de 20° C e a do mês mais frio -Janeiro- é de 7,5°C).

2- Ramos de actividade

No solo da vila predominam as actividades agrícolas que ocupam cerca de 67% da área total do concelho. Apesar da muita floresta, as explorações silvícolas ocupam apenas 17,2% da área agrícola estando cerca de 15,6% da mesma área incultos.

Assim, a principal produção agrícola era o azeite, surgindo depois as produções hortícolas, frutas, cereais e batata. Em relação à silvicultura as principais espécies são o pinheiro bravo, o sobreiro e a azinheira. Na actividade pecuária destacam-se os ovinos seguidos dos caprinos.

A nível industrial, existe na vila a Portucel (fabricação de pasta de papel) e ainda algumas unidades industriais do ramo alimentar: salsicharia e produção de óleos.

Outras actividades: repartição de finanças, tesouraria, cartório, conservatória civil, posto policial, corporação de bombeiros, 2 agências bancárias, 1 agência de seguros, 1 gabinete de contabilidade, 1 repartição de máquinas agrícolas, 9 pedreiros, 9 estucadores, 3 marceneiros, 1 canalizador e 2 eletricitas. Existe ainda na vila 1 supermercado, 2 mini-mercados, 2 padarias, 2 talhos, 2 lojas de eletrodomésticos, 1 loja de móveis e 1 posto de abastecimento de combustível.(I.N.E.- 1994)

3- Meio Ambiente

A sub-região da Beira Interior pode considerar-se muito satisfatória relativamente ao meio ambiente, embora pesem os efeitos negativos da destruição do leito natural dos rios pela extração de areia, os incêndios florestais. Existe tratamento de águas residuais assim como recolha de lixo.

Vila Velha constitui uma excepção no espaço geográfico devido à instalação de uma unidade fabril de produção de pasta de papel que criou oportunidades de emprego mas comprometeu o turismo devido ao cheiro desagradável que a unidade fabril liberta sobre quase todo o concelho (conforme a direcção dos ventos).

As alterações ambientais, resultado da exploração dos empreendimentos hidroelétricos existentes nas zonas limítrofes da vila provocam impactos directos e indirectos de várias espécies: impactos no ambiente geofísico, impactos hídricos e climáticos, impactos sobre o ecossistema terrestre e aquático, impactos paisagísticos e impactos sócio-económicos.

A gestão das albufeiras com vista a utilizações de recreio e lazer e ao desenvolvimento turístico, poderá constituir uma importante fonte de receitas futuras. Apesar da existência de um espelho de água que cria oportunidades em termos recreativos, as suas possibilidades são limitadas pela forma, dimensão e declive das margens das albufeiras que se situam em zonas montanhosas e de difícil acesso. Todos os factores que favoreçam a entrofização das albufeiras, provocando a turvação das águas ou o aparecimento de odores desagradáveis podem influir negativamente a nível turístico.

4- Transportes

4.1- Rede rodoviária

A estrutura rodoviária do concelho assenta principalmente na E.N.18, E.N.355 todas as ligações rodoviárias às sedes de freguesia e restantes aglomerados são efectuadas por estradas ou caminhos municipais. Relativamente aos arruamentos urbanos podemos dizer que quase todos os aglomerados do concelho encontram-se pavimentados.

Os transportes rodoviários são assegurados por uma única empresa -Rodoviária Nacional. A oferta diária de carreiras é gerada em Castelo Branco, servindo o concelho com maior regularidade na época escolar. Tem ainda uma praça de táxis. (I.N.E.- 1994)

4.2- Rede ferroviária

O concelho de Ródão é servido pela linha da Beira Baixa que o atravessa longitudinalmente. A linha férrea foi e ainda é um meio de transporte imprescindível ao desenvolvimento interior do país, dispondo o concelho de Ródão de 4 composições diárias para Lisboa e 6 no sentido inverso, seguindo 2 delas para a Guarda, ficando 1 na Covilhã e 2 em Castelo-Branco. (Fonte: horários da C.P).

A preferência pelo transporte rodoviário tem contribuído para a diminuição do transporte ferroviário de mercadorias. As condições da linha férrea e a sinuosidade do terreno tem limitado as condições de circulação e consequentemente a sua velocidade.

Temos de salientar ainda o interesse turístico da linha da Beira Baixa, nomeadamente no troço que acompanha o rio Tejo até ao limite do concelho, pela beleza da paisagem sobre o rio e

pelas características de construção do caminho de ferro, tal como podemos observar na nossa viagem para Vila Velha de Ródão.

4.3- Rede fluvial

A rede hidrográfica concelhia é constituída pelos rios Ocreza, Ponsul e ribeira do Açafal e seus afluentes. O relevo montanhoso e a sua inserção numa zona hidrológica cuja pluviosidade apenas se faz sentir no Outono/Inverno, provocando caudais temporais intermitentes, estes rios à excepção do rio Tejo não têm interesse do ponto de vista de navegabilidade como meios de comunicação.

O rio Tejo apesar de actualmente não ser navegável tem condições para ser uma importante via de comunicação fluvial em todo o seu curso nacional. A importância da navegabilidade do Tejo tem antecedentes históricos muito relevantes, nos quais teve papel importante o Porto do Tejo em Vila Velha de Ródão.

5- Sistema de abastecimento de água

A população do concelho encontra-se na sua quase totalidade servida por uma rede de abastecimento de água constituída por captações em minas, poços e furos e respectivo armazenamento e canalizações por sistema de gravidade. Esta rede abastece a quase totalidade dos aglomerados, exceptuando cerca de 3% da população servida ainda por chafariz da rede geral.

6- Cultura e recreio

No concelho de Ródão são muitas as actividades de dinamização cultural. Um dos seus pólos é o Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento que tem como objectivo a preservação e desenvolvimento dos valores culturais do concelho. As actividades do C.M.C.D. são compostas pelo: museu, arquivo documental, biblioteca, acção extensiva e de desenvolvimento comunitário e centro de comunicação tecnológica. Existe ainda na vila um salão de festas, grupo musical, de teatro e de folclore, escola de música e dança. (I.N.E., 1994)

O museu tem três sectores: sector de arqueologia que tem uma exposição permanente sobre o concelho; o sector de etnografia que possui uma mostra de fatos típicos tradicionais e o sector de artes plásticas que tem obras de Cargaleiro (foto 3 em anexo) e outros artistas. O centro de comunicação tecnológica tem meios audiovisuais e informáticos diversos.

As lendas, tradições, festas, romarias, culinária e artesanato são importantes manifestações da cultura local, na vila temos a festa de Nossa Senhora da Alagada.(foto 4 em anexo) Os lagares de azeite, o fabrico de mantas de retalho e de lã constituem componentes do artesanato local.

O património edificado não é rico, à excepção do largo do antigo município, de alguns arruamentos próximos e do castelo, a vila apresenta alguma descaracterização e perda de identidade. O pelourinho da vila é o símbolo de autonomia municipal.(foto 5 em anexo)

A nível educacional tem ainda um jardim de infância e uma escola de ensino básico 1º ciclo e uma livraria. Existe uma pousada, piscina, campos de jogos, 9 estabelecimentos de bebidas, 4 restaurantes e 1 mercado. (I.N.E.-94)

7- Saúde

Os cuidados de saúde primários são prestados pelo centro de saúde da vila que tem como tarefas a promoção e vigilância da saúde e o diagnóstico e resolução de doenças que não necessitem de cuidados especializados. Assim sendo, tem um centro de saúde, 1 farmácia e um consultório médico. (I.N.E.- 1994)

3- Enquadramento teórico de “casamento”

Tendo como base o contexto apresentado no capítulo anterior, tentamos agora fazer uma abordagem do casamento, aspecto que “ (...) aparentemente é deixado ao livre arbítrio (...) ” (Afonso, 1987) de cada um. Para tal, tivemos em atenção alguns estudos realizados acerca do “casamento”.

Muitos são os autores que se têm debruçado sobre questões relativas ao casamento, e fazendo um breve percurso pela história da Antropologia encontramos o tema “casamento” analisado sobre diversas perspectivas e que por consequência nos conduzem para outro tema- “parentesco”.

Durante o século XIX, surgiram vários estudos sobre a instituição familiar, onde a maior preocupação era tentar construir modelos de evolução, ou seja, as fases pelas quais havia passado a família humana, generalizando-se a ideia de um estado inicial de “selvajaria”, a partir do qual terão derivado de forma diferencial todos os tipos de seres humanos. Apesar de haver alguma discordância relativamente ao tipo de casamento (promiscuidade, poligamia, monogamia, casamento de grupo). Grande parte dos autores aceitavam a ideia de uma sequência que se aplicaria a toda a humanidade. (Morgan, 1974)

Levi Strauss na sua abordagem do “parentesco”, visa demonstrar que a função primordial e reguladora do parentesco reside na troca, considerada nas suas diversas manifestações (restrita, generalizada, etc). Os fenómenos do parentesco são universais e desta forma, qualquer análise objectiva deve preocupar-se em evidenciar as características humanas e universais que lhe são inerentes. Assim, o casamento é visto como uma troca de mulheres entre grupos de homens, sendo a “proibição do incesto” a fronteira entre a natureza e a cultura, construindo além das relações de parentesco artificiais, uma verdadeira sociedade humana. Através da troca-circulação de mulheres, cada grupo dá e recebe dos outros, possibilidade de sobrevivência e estabelecimento de relações de interdependência entre os próprios grupos. Assim, L. Strauss diz que através desta troca, as relações entre os sexos são constituídas não só como complementares, mas também como assimétricas, “são os homens que trocam, e as mulheres que circulam”. (1977: 168)

Marc Augé na obra de 1975, define o “casamento” como “um complexo de normas sociais, que ligam o homem e a mulher por um sistema de obrigações e direitos mútuos, através dos quais os filhos que a mulher vier a ter são reconhecidos como a progenitura legítima de ambos os pais”(1975: 41). Como em toda a parte do mundo, este autor reconhece o facto de o casamento ser alvo de cerimónias rituais públicas, dirigidas por um ou por vários membros da comunidade, o que significa que o marido, a mulher e a sociedade reconhecem a mudança de

estatuto dos novos esposos e a criação de laços jurídicos, sociais e económicos entre o grupo de filiação do marido e o da mulher.

Este autor afirma e muito bem na nossa opinião, que os efeitos do casamento, como a mudança de estatuto dos esposos e a criação de laços entre grupos de parentesco, constituem a diferença fundamental entre o casamento e qualquer outra espécie de relações sexuais, temporárias ou permanentes. No entanto, como já referimos anteriormente e dando continuidade ao pensamento de Marc Augé, “(...)o poder do casamento implica em todas as sociedades restrições na escolha do cônjuge”(1972: 42). Esta escolha pode variar consoante as sociedades, assim de sociedade para sociedade, a maneira como se efectua a escolha e a parte que nela tomam os interessados podem variar, desde o casamento negociado pelos dois grupos dos futuros cônjuges, até ao rapto simulado.

Tendo em conta normas sociais, podemos dizer que o casamento nunca é livre, uma vez que qualquer homem, não pode desposar qualquer mulher. Existem em todas as sociedades categorias de pessoas que um indivíduo não deve desposar, e outras com as quais o casamento, sem ser proibido, não é encorajado, estando no plano ideológico, a escolha do cônjuge prescrita.

Outro autor e não menos importante é **P. Bourdieu**, acentua a importância determinante da existência de um património para além da terra, na regulamentação das heranças e das normas de casamento, o qual deve ser entendido como a concretização de estratégias de reprodução social de forma a ultrapassar a própria consciência dos sujeitos envolvidos. Ainda segundo Ana Afonso, Bourdieu afirma que as estratégias matrimoniais subjacentes à instituição do casamento, não representam a obediência a regras mecânicas explícitas ou geradas por representações ideais, mas são o produto do hábito, que é como que o gerador da prática social. O hábito é o produto das estruturas que tende a reproduzir e porque implica a submissão à ordem estabelecida e àqueles que presidem à manutenção dessa ordem (os mais velhos), ele contém em si o próprio princípio das diferentes soluções (emigração, celibato dos irmãos mais novos, a limitação dos nascimentos). Desta forma, as estratégias matrimoniais são indissociáveis do conjunto das estratégias de reprodução biológica, cultural e social a que todos os grupos recorrem para transmitir aos seus descendentes, aquilo que eles próprios também já herdaram (o conhecimento, o estatuto, os bens ou as próprias estratégias) (Afonso, 1997: 95-96).

Jack Goody, vê o casamento como uma forma de controle da propriedade, muito importante tanto para a produção, como para a reprodução, mas que, segundo ele tem vindo a ser controlado tanto pela igreja como pelo estado, nas sociedades industriais “ (...) a igreja passou a ser a maior proprietária de terras, posição que alcançou mediante o controlo dos sistemas de matrimónio, doação e herança.” (Goody, 1995: 140)

Para **Raul Iturra** (1985), este rito de passagem por um lado, é apenas uma de entre as várias formas de um sistema de práticas reprodutivas, constituindo um rito de um ciclo de rituais,

cuj a finalidade comum é a produção de produtores; por outro lado, o casamento é a fase final de um processo de escolha, através do qual são adquiridos e conjugados recursos humanos e materiais. O casamento é uma instituição redistributiva regulada pelo lucro. (Afonso, 1997: 59-60)

Como não poderia deixar de ser, temos que terminar esta breve reflexão teórica acerca do que designamos por "casamento", salientando o que na nossa sociedade se entende por tal, aos olhos da lei. Assim, segundo afirma Ana Isabel Afonso com base no artigo 1577º do código de direito civil de 1977 em relação à noção de "casamento", consta o seguinte:

"Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendam constituir família, mediante uma plena comunhão de vida, nos termos das disposições deste código". (Afonso 1997: 63-64)

Namoro

Em relação aos relatos de vida que recolhemos percebemos que competia ao rapaz pedir namoro à rapariga e que era ele o principal assediador, contudo, e após termos lido “A Representação da Mulher e do Homem (...)” percebemos que talvez tenhamos sido induzidas em erro, uma vez que nas quadras populares “(...) predomina, de modo directo ou indirecto, o assédio da rapariga sobre o rapaz, (...) parece contradizer a convicção que tínhamos de ser o homem o principal assediador. A condução do namoro pelo homem só se faz numa segunda fase e após o consentimento da rapariga.” (Henriques e Caninas, 1995: 120)

O pedido podia ser feito de duas maneiras, ou pessoalmente e de forma bastante simples ou no caso do rapaz ser envergonhado e tímido, então podia escrever uma carta à rapariga por quem se havia interessado pedindo-lhe namoro.

“(...) ele pediu-me em namoro por carta porque era muito envergonhado (...)”
(Augusta)

Os pedidos eram feitos também a caminho da fonte ou nos bailes, uma vez que eram locais privilegiados para o encontro entre rapazes e raparigas, daí que fossem os locais escolhidos para fazer o pedido e para receber a resposta. “O baile continuava a ser o lugar ideal para se pedir namoro e se receber a resposta. (...) namoravam pelos caminhos, no baile, etc.” (Henriques, 1993)², assim como também podemos confirmar nos seguintes relatos:

“Foi nos bailes que ele começou a dizer que gostava de mim e foi lá que começamos a namorar (...)” (Mila)

“(...) eu ia à água com a burra para a casa onde estava a servir e encontrávamo-nos lá e ele oferecia-se para me ajudar a pôr o cântaro na burra e assim começamos a namorar.”
(Amélia)

“(...) a gente encontrava-se na fonte e depois namoramos pelo caminho (...)” (Leonel)

Durante os bailes os rapazes iam buscar as raparigas para dançar, quando elas não aceitavam, então dizia-se que eles levavam um “cabaço”.

“Quando eu pedi à Anica para dançar ela não aceitou e deu-me um cabaço, mas depois lá aceitou”. (Chico)

Normalmente, quando havia interesse por parte de um rapaz numa rapariga, então ele quase sempre só dançava com ela, altura em que a mãe se não soubesse começava a desconfiar do possível namoro da filha. As raparigas que não namoravam podiam dançar com todos os rapazes, desde que solteiros.

¹ Ver em anexo a identificação dos informantes “Bilhete de Identidade”.

² Por erro verificado nas fotocópias não nos é possível mencionar a página da citação, contudo a mesma encontra-se na obra já referida, no capítulo da “Puberdade”, sub-cap. “Namoro”.

Nesta altura, uma rapariga que namorasse muito tempo com um rapaz e que ele depois a deixasse, então já ninguém a queria, porque provavelmente já teria “andado metida” (já estaria desonrada³) com esse rapaz, ficando assim solteira para o resto da vida.

Uma rapariga que namorasse vários rapazes ao mesmo tempo, ou então que já tivesse tido muitos namorados não era muito bem vista e era designada por “alevandeira” ou “galo doido”; pelo contrário, um rapaz que tivesse várias namoradas, uma em cada aldeia não lhe ficava nada mal.

“Os rapazes não gostavam das raparigas que não assentavam no namoro e chamávamo-lhes “alevandeiras” porque andavam com todos, (...) ela tinha de ser certinha e que ele fosse o único namorado. P’ra elas ficava mal terem muitos namorados, mas ao rapaz ficava bem, (...) namorei muitas raparigas, mas namorei mais quando era tropa, ia p’ro pé duma ia p’ro pé doutra, só em Fratel namorava duas ao mesmo tempo, mas namorava por carta (...)” (Chico)

“As raparigas que tinham muitos namorados eram “galos doudos”, não assentavam com nenhum e já não casavam.” (Isilda)

Ainda durante o namoro e enquanto este não era do conhecimento pleno da mãe (embora muitas vezes já suspeitasse) ela ia namorando a caminho da fonte. Quando a mãe da rapariga confirmava o namoro da filha e se fosse do seu agrado, o que normalmente acontecia, então o rapaz podia começar a namorá-la à janela de casa, passando depois para a porta e mais tarde para dentro de casa onde era vigiada pela mãe ou irmã, quando assim era, elas tinham dias marcados para a visita do rapaz. Segundo Van Gennep a fixação de limites num determinado espaço do solo significa que o penetrar nesse espaço é um sacrilégio. O facto de o rapaz entrar para dentro da casa da rapariga era um tabu de passagem, “esta (a porta) é o limite entre o mundo estrangeiro e o mundo doméstico” (Van Gennep, 1978:35) atravessar a soleira significa deste modo ingressar num mundo novo.

“A gente namorava à janela de casa, havia lá uma janela pequena e era lá que no início a gente namorava, depois fomos para a porta e depois para dentro de casa, ficávamos perto da lareira com a mãe ou a irmã ali ao pé (...)” (Anica)

“(...) a gente namorava três dias por semana: Quartas, Sextas e Sábados (...)” (Francisca)

Quando um rapaz fica solteiro é porque, ou não se interessa pelas raparigas ou porque quer “(...) meter todo o dinheiro ao bolso(...)” como nos diz a nossa informante Isilda, enquanto que uma rapariga que não casa é porque namorou muito tempo com um rapaz e este depois a deixou, então já ninguém a quer porque já deve estar desonrada.

Relativamente a casos de “bruxaria” que raparigas da terra faziam para prender os rapazes, no início todas as informantes diziam desconhecer algum destes casos e que na terra não havia, mas que numa aldeia próxima isso era usual acontecer, contudo foi necessário referirmos

³ Termo designado pelas informantes que já casavam grávidas.

que havíamos lido numa obra a existência destes casos e com o desenrolar da conversa lá nos fomos contando que também lá havia um rapaz que tinha ficado “tolo”, porque uma rapariga lhe tinha dado a beber uma “mistela”, para assim o conseguir prender. O rapaz ficou “tolo” e não casou com ela porque o preparado foi mal feito.

Serviço Militar

“O serviço militar era um momento crucial da vida de um indivíduo e surge ligado a fenómenos de iniciação em que o corpo desempenha um papel relevante. É um dos momentos de afirmação como rapaz.” (Henriques, 1993)⁴

O serviço militar era muito importante porque os rapazes só se casavam após o cumprimento do mesmo, quando uma rapariga era pedida em casamento, os pais dela salientavam o facto de o rapaz já ter cumprido a tropa.

“Nesta altura só casávamos depois do rapaz ir à tropa.” (Augusta)

“Quando eu pedi a Anica em casamento o pai dela respondeu “está bem, tu passaste à tropa, ela já tem uma certa idade, podem casar.” (Chico)

Casamento

“O casamento é um rito de agregação e no que concerne às suas manifestações é relativamente diferenciado de comunidade para comunidade. Individualmente é o mais importante rito de passagem. É caracterizado a nível geral por cerimónias colectivas como troca de visitas, dança, cerimónias religiosas, comensalidade etc.” (Henriques, 1993: 26)

Segundo Van Gennep o “(...) casamento não é um acontecimento individual, como comanda a nossa ideologia de amor romântico, mas algo colectivo e grupal, que sempre mobiliza as forças sociais no sentido de criar uma nova unidade no seio de um grupo mais inclusivo.” (1978:20)

“Contrair matrimónio leva os nubentes sempre a uma série de passos legais que uniformizam este rito de passagem fundamental.” (O’Neill, 1991: 29). O casamento era uma escolha individual feito com base no companheirismo e na afeição, não havia interesses económicos para a escolha de cônjuge uma vez que casavam na mesma classe social, isto relativamente a este grupo. Foi-nos contado que algumas mulheres da aldeia ficaram solteiras, porque não queriam casar num grupo abaixo (hipogâmico) porque sendo professoras queriam alguém do mesmo extracto social.

A rapariga ideal para casar era aquela que fosse “certinha” como refere o nosso informante Chico, enquanto que o rapaz ideal seria:

“As raparigas escolhiam para casar os rapazes trabalhadores, não queriam rapazes “lambões”, boa pessoa, não ser amigo do copo, mas o meu era! Mas era também muito

⁴ Por lapso da fotocopiadora não nos é possível mencionar a página da citação, contudo a mesma encontra-se na obra já citada, no capítulo da “Puberdade” sub-cap. “Serviço Militar”.

bondoso. A rapariga devia ser boa pessoa, filha de boa gente e que nunca tivesse “andado metida” com ninguém.” (Augusta)

Do ponto de vista do rapaz, não era muito importante que a rapariga já tivesse tido um ou outro namorado desde que fossem “namoros de brincadeira” e que não corresse o mínimo rumor de ela “ter tido qualquer coisa” ou que “houvesse sido enganada”.

“(…), se namorassem muito tempo um rapaz e depois acabavam, essa rapariga já não casava, há muitas assim solteironas. Se namora muito tempo com um rapaz e ele a deixa, essa rapariga já não casa. Agora! Agora já não é nada disso. Toda aquela que se deixa-se enganar já não casava, ou casava com aquele rapaz ou já não casava. Aqui na vila há três raparigas irmãs, solteironas porque namoraram os rapazes muito tempo e eles deixaram-nas e já outro lá não foi, era assim!” (Isilda)

“Uma rapariga enganada ficava solteira, porque já ninguém a queria” (Augusta)

Parece-nos importante salientar o facto de que segundo o Dr. Francisco Henriques e com o qual concordamos plenamente, que “(...) é imprescindível ser-se rapariga ou mulher honrada. A falta de honra pode levar ao ostracismo ou mesmo a um auto-isolamento. É difícil uma mulher desonrada casar-se com outro homem que não aquele que a desonrou. Para evitar a desonra previne-se as raparigas dos perigos que correm não podem dar muita atenção, confiança aos rapazes e muito menos brincar.” (Henriques e Caninas, 1995: 21)

Todos estes aspectos são comprovados durante os relatos de vida e importa salientar que é designada de “enganada” a mulher que casa grávida, várias das nossas informantes diziam-se “enganadas” pelos respectivos maridos, uma vez que iam grávidas para o casamento. “É curioso salientar que não existiam críticas às mulheres pelo facto de se deixar enganar. A mulher surge sempre como inocente e vítima os culpados são sempre os homens.” (Henriques e Caninas, 1995: 21). Uma mulher “enganada” ou que houvesse suspeitas, confirmadas ou não de “ter andado metida com um rapaz” já não casava que não com o responsável.

O rapaz casava em média aos 25 anos e a rapariga aos 22 anos, até ao casamento tanto a rapariga como o rapaz entregavam aos pais aquilo que ganhavam, no caso da rapariga a mãe ia-lhe comprando o enxoval.

“(…) a gente trabalhava e depois entregava o dinheiro à mãe para ele preparar o enxoval (...).” (Marquinhos)

Os casamentos nesta zona eram realizados preferencialmente entre indivíduos da mesma aldeia ou de povoações próximas, verificando-se desta forma uma endogâmia geográfica a nível concelhio, bem como a realização do casamento entre membros do mesmo grupo social.

“Nesta altura os pais quase que não eram contra o casamento porque na maioria das vezes já conheciam o rapaz e a família e como todos eram muito pobres não havia problema, os pais só davam a opinião e a filha casava se quisesse.” (Marquinhos)

Neste grupo estudado os casamentos realizavam-se principalmente nos meses de Abril (excluindo o período relativo à quaresma devido às interdições características da época), Setembro e Outubro uma vez que o tempo era mais fresco e a comida não se estragava tão facilmente.

Outro dos aspectos a salientar é a quase ausência de casos de divórcio, separações ou traições no grupo estudado, contudo existe uma lenda “Lenda do rei Wamba” que caracteriza Vila Velha de Rodão como um local onde é normal a desonra das mulheres, a traição destas aos maridos. Apesar disto, no grupo estudado só se verificaram tais factos, duas vezes, uma em que a mulher do informante Alberto o havia abandonado para ir viver com outro, enquanto que o informante Toneco fez um casamento pela segunda vez, mas não sendo a sua primeira mulher da vila, contudo estes casos não podem ser vistos como normais, mas sim como excepções à regra. (ver em anexo “Lenda do rei Wamba”)

A violência entre o casal é um aspecto que nos pareceu de certa forma corrente uma vez que os maridos das nossas inquiridas “gostavam de beber” e por vezes elas levavam alguns “empurrões”, “murros” ou “estaladas” e tal como vem referido em “A violência física na literatura (...)”, “Por cá a violência doméstica ainda é descarada., quase para vizinho ver (...) às vezes pensam que é uma fatalidade(...)” (Henriques e Caninas, sem data: 8), tal como aconteceu com a informante Isilda.

“(...) ele vinha bêbado deu-me um murro que me pôs o olho negro (...)”

O pedido de casamento

Passado o tempo de namoro, era então altura de pensar em casar o que geralmente variava, segundo o cumprimento do serviço militar por parte do rapaz.

Este acto era iniciado por um pedido do rapaz aos pais da rapariga, o pedido era feito na casa dela, cabendo aos pais a última palavra em relação ao acto, o que aconteceu positivamente em todos os casos por nós estudados, como por exemplo neste excerto:

“(...) sabe perfeitamente bem que eu já namoro com a Anica à dois anos e agora tenciono em casar-nos. que é que você diz? E o pai dela diz: “Está bem, tu passaste à tropa. ela já tem uma certa idade.” (Chico)

Nesta ocasião, combinam-se então os procedimentos e combina-se a data para o casamento.

Preparação do casamento

Esta tarefa cabia aos noivos, familiares e padrinhos. A parte burocrática era tratada pelos noivos que iam falar com o padre que por sua vez marcava a data e hora do casamento segundo a preferência dos noivos. Em relação ao dia da semana, este era geralmente ao Sábado, apesar de Sexta e Domingo já serem dias de festa.

A casa para onde os noivos iam morar era alugada e competia ao noivo o aluguer da mesma, verificando-se desta forma a residência neo-local.

"Depois do casamento ia-mos viver para uma casa arrendada pelo noivo (...)" pois segundo a informante Marquinhos "casados apartados", a casa às vezes não tinha condições nenhuma, e só morava lá o casal com os filhos." (família nuclear)

A casa era limpa e arranjada quatro ou cinco dias antes do casamento pela noiva, madrinha e algumas amigas. A cama dos noivos era feita pela rapariga com a ajuda da madrinha. A casa era alugada na terra da noiva, havendo deste modo e caso o rapaz não fosse natural da vila uma transferência do rapaz para a terra da rapariga.

Nesta altura não era hábito a realização da despedida de solteiro por nenhum dos noivos.

O vestuário dos noivos era especialmente feito para o casamento. A noiva comprava o tecido e mandava fazer o vestido a uma costureira da vila e o rapaz a um alfaiate. A cor do vestido era geralmente branca, contudo aquelas que haviam sido "enganadas" não mereciam esta cor e levavam um vestido com outra cor que fugia à estabelecida pela sociedade, variando entre o cinzento, salmão, castanho, verde etc, o ramo de fores de laranjeira também variava, consoante merecessem ou não levá-lo. O vestuário da noiva era composta por um vestido, roupa interior, sapatos e um véu sobre a cabeça. Quando o vestido não era branco então este era utilizado em muitas outras ocasiões. O fato do noivo era constituído por um fato (calça, casaco e colete) normalmente preto ou cinzento, roupa interior, uma gravata, camisa branca, meias e sapatos. A roupa dos convidados era a mesma que usavam ao Domingo.

Chegado o dia do casamento, a noiva tomava banho numa bacia e de seguida com a ajuda da mãe e madrinha vestia o vestido de noiva, o noivo arranjava-se sozinho.

Cerimónia do casamento

Os convites de casamento eram feitos pelos noivos e pelos pais o que acontecia um mês e meio ou dois meses antes do casamento e eram dirigidos aos familiares, alguns vizinhos e amigos, contudo, os convidados não eram em número elevado, uma vez que era necessário limitar despesas. No caso dos convites serem feitos pouco tempo antes do casamento, com cerca de 1 mês de antecedência, então os convidados levavam a mal e não compareciam ao casamento.

"(...) sendo os convidados, convidados para a boda com um mês e meio, dois meses antes da boda, se por acaso o convite for feito só com um mês de antecedência é uma ofensa e parece que não são bem vindos, então não vêm." (Chico)

Para padrinhos de casamento, convidavam-se normalmente os de baptismo, caso estes não quisessem ou não pudessem então escolhiam-se outros que seriam, ou familiares ou amigos.

O dia do casamento é marcado por três momentos: cerimónia religiosa, refeição antes ou depois do acto e o baile à noite, onde todos os convidados se juntavam.

Os convidados de ambos os noivos almoçavam em casas separadas, os convidados do noivo iam para casa do noivo e os da noiva para casa da noiva. Se a refeição fosse depois da cerimónia religiosa, então o noivo seria o único a ir para casa da noiva almoçar. No dia seguinte era a noiva que almoçava em casa do noivo.

"Depois do casamento os convidados dela iam para casa dela e os dele iam para casa dele, não almoçavam juntos." (Amélia)

"(...) o noivo é que ia almoçar com a noiva, no segundo dia era a noiva que ia almoçar a casa do noivo(...)." (Francisca)

O ponto de encontro dos convidados era à porta de cada um dos noivos, consoante quem os havia convidado. O noivo saía de sua casa com os padrinhos e os restantes convidados dirigindo-se então para casa da noiva onde esta o esperava (eles encontravam-se à porta da casa da noiva uma vez que ele lá não podia entrar). De seguida seguiam para a igreja. À frente ia a noiva com os padrinhos, atrás o noivo e os respectivos padrinhos, depois os restantes convidados.

"No dia do casamento, o marido como morava no Monte da Charneca, depois vinha a pé até à porta dela, depois iam para a igreja, à frente ia a noiva e os padrinhos, atrás o noivo e os padrinhos e o acompanhamento atrás, entrando assim na igreja." (Francisca)

Após a celebração religiosa e a aceitação mútua manifestada pelos nubentes estava concluído o ponto fulcral da cerimónia. Na generalidade, eram os pais que ofereciam as alianças, caso contrário os noivos usariam um anel que já possuissem como no caso da informante Amélia.

À saída da igreja era normal que os convidados jogassem arroz, mistura de pétalas de flores ou trigo, porque dizia-se que dava sorte aos noivos e os padrinhos retribuía o gesto lançando alguns rebuçados, amêndoas e amendoins provocando grande alegria no ceio das crianças.

"Há noiva, à saída da igreja deitavam-lhe arroz, pétalas de flores e trigo e os padrinhos deitavam-lhe amêndoas, amendoins e rebuçados, a malta pequena estava à espera para ir apanhar, dizia-se que isto dava sorte aos noivos." (Augusta)

Na noite do casamento fazia-se o baile, que era num barracão que os pais dos noivos alugavam e para tal contratavam um tocador de concertina, ao baile iam todos os participantes do casamento, as despesas do baile eram pagas em partes iguais pelos pais de ambos os noivos. Era durante o baile que todos os convidados se juntavam. Nesta altura, os casamentos por vezes eram de três dias, na véspera todos aqueles que iam ajudar à preparação da cerimónia já jantavam, no dia do casamento faziam todas as refeições e ainda almoçavam no dia seguinte. No casamento havia sempre comida com fartura, independentemente da situação de cada um, para este dia havia sempre dinheiro. Durante a festa era comum aos homens embebedarem-se, ainda mais para quem tanto gostava de bebida.

A lua de mel é outro dos aspectos que não era praticada neste grupo, porque como todos referiam, eram famílias muito pobres.

Dádivas aos noivos

Em relação aos presentes de casamento, os rapazes ofereciam ao noivo dinheiro que normalmente ia até aos 20\$00, no caso da rapariga eram-lhe dados bens materiais, um prato, uma tijela muitas vezes cheias de feijão ou arroz, as ofertas eram feitas na véspera do casamento.

Os padrinhos pelo facto de assumirem este compromisso com os noivos davam sempre uma ~~prenda~~ maior que os outros convidados.

Em virtude da pobreza das famílias não havia a atribuição de “dote” ao filho que casava, nem se dava importância ao facto de todos os filhos casarem e formarem novas famílias.

O enxoval, tanto da rapariga como do rapaz dependia do poder económico de cada um, assim como de seus pais. No caso da rapariga, era ela e a mãe que o preparavam, enquanto que a mãe e irmãos do rapaz se ocupavam do dele.

Neste pequeno grupo estudado, não havia exposição pública do enxoval, contudo na véspera do casamento aqueles que iam levar a prenda eram convidados a visitar a casa dos noivos.

“O enxoval era preparado pela mãe e mostravam a casa já arranjada aos convidados que vinham trazer as prendas (...).” (Isilda)

Peças que faziam parte do enxoval da rapariga:

Toalha de mesa e de rosto, tijela, garfos, colheres, almotelia, penico, tabuleiro, maceira, tenaz, trempes, caldeira, azádo para a água, lençóis, almofadas, travesseiro, mantas, arca, peneira, mesa das refeições, três cadeiras ou bancos, colchão para a cama e uma mesa de cabeceira e a mobília da cozinha. As restantes mobílias eram a “meias”.

Peças que faziam parte do enxoval do rapaz:

Arranjar casa, três cadeiras ou bancos, uma mesa de cabeceira e os ferros para a cama.

Após o casamento, o casal ia morar para a casa alugada onde mais tarde iriam viver também os filhos do casal. Normalmente tinham poucos filhos porque quantos mais, mais necessidades iriam passar, para tal tomavam cuidado a fim de não engravidar e tal como a informante Augusta nos disse:

“(...) a gente não tomava nada das pilras como é agora, eles tinham muito cuidado (...).”

Após o casamento ambos os membros do casal continuavam a trabalhar, apesar de serem consideradas domésticas, elas trabalhavam de certa forma à jorna, enquanto que eles eram designados mesmo de jornaleiros indo por vezes para a ceifa no Alentejo. O dinheiro do homem, em parte, era entregue à mulher para a lida da casa.

Conclusão

Feito que foi o nosso trabalho resta-nos agora tirar algumas conclusões acerca do mesmo. Passando agora a estabelecer algumas comparações, ao mesmo tempo que respondemos a algumas questões colocadas na introdução.

Em *Vilarinho da Furna* (1948) de Jorge Dias o casamento é uma festa para toda a população não ficando ninguém de fora, além de significar um novo lar, permite o surgimento de um novo chefe de família que passará a participar nas reuniões periódicas e a interferir nas reuniões da comunidade, é um novo membro da junta.

O casamento, normalmente é num dia em que não se trabalha para que todos estejam presentes. No dia marcado, a noiva sai de casa com os padrinhos, família e amigos, vestindo trajes de festa, ao mesmo tempo sai o noivo de sua casa com os padrinhos e respectivos convidados. A noiva se for virgem leva um ramo de flores e laços. Depois do casamento e à saída da igreja os noivos vão à frente seguidos dos convidados aos pares, formando cortejo. Para a casa dos noivos só vão os mais íntimos para uma refeição abundante, com muito vinho e aletria. (1948: 182-183)

Ao contrário disto, no grupo que estudámos, no casamento só participam os parentes, vizinhos e alguns amigos. O casamento conduz ao aparecimento de um novo lar composto pelo casal e pelos filhos que venham a nascer. No dia do casamento o noivo e os seus convidados vão a pé até casa da noiva, depois seguem para a igreja, a noiva vai à frente com os padrinhos, depois o noivo e os padrinhos e por fim os restantes convidados que usam as roupas de Domingo.

Se a noiva ainda for virgem, então leva um vestido branco e um ramo de flores de laranjeira, caso contrário o vestido será de uma outra qualquer cor e não tem direito a ramo de flores. Após a cerimónia, os convidados de cada um dos noivos vão para a respectiva casa que os convidou, só o noivo vai almoçar a casa da noiva.

Em *Rio de Onor* (1953), Jorge Dias faz a abordagem da estrutura social nesta comunidade nortenha, mostrando o conjunto de estratégias de reprodução social, incluindo as estratégias matrimoniais. Nesta comunidade existe um controlo rígido da reprodução social e onde as estratégias matrimoniais têm lugar importante, o casamento e o celibato eram muito controlados, pois, só o filho mais velho podia casar (os casamentos eram tardios, a fim de evitar uma prole numerosa que resultaria de um apetite superior à capacidade de produção de terras).

Assim sendo, juntam-se 3 gerações- família extensa- com duas famílias nucleares, com tios e filhos solteiros, estratégia que serve para manter a casa indivisa. O casamento geralmente é combinado entre as famílias quando ainda os futuros noivos são crianças, conforme o interesse das casas, a afeição virá com o tempo; surgem inconvenientes, isso sim quando há casamentos por afeição mas sem a base material respectiva. (1953:183-188)

Ao contrário do que acontecia em *Rio de Onor*, no contexto por nós estudado tudo se passa de forma diferente, o núcleo familiar era restricto- pais e filhos. Os pais não defendem o casamento de um só filho, mas sim de todos, uma vez que pertencem a uma classe social baixa não havia a preocupação da divisão de terras, pois não as possuíam. A existência de celibatários não era resultado de uma imposição dos pais, mas sim por motivos já antes referidos (a rapariga se já não fosse virgem, o rapaz por opção).

Se compararmos com *Ricos e Pobres no Alentejo* de Cutileiro onde o namoro começa por volta dos 14-15 anos para a rapariga e mais tarde para o rapaz, passado um ano é formalizado, altura em que o rapaz pede a rapariga em namoro ao pai. O ideal seria não terem mais que um namorado.

Quando vai a um baile a rapariga só deve dançar com o namorado e não deve manter conversas com homens solteiros. Os namorados não deverão ter relações sexuais, contudo, isto acontece muito frequentemente entre classes menos abastadas, porque facilmente se conseguem isolar para namorar, caso este namoro acabe são remotas as probabilidades desta jovem voltar a namorar, o termo para designá-la é “cevada” (aquela que já teve relações sexuais) e homem que se preze não a aceitará mais. Caso o namoro tenha sido breve e não tenham surgido desconfianças de a jovem ter sido “cevada” então pode ainda ter um casamento digno. (1977: 121-151)

Muitos dos aspectos são semelhantes entre esta vila e o bairro estudado, onde as raparigas não deviam ter mais que um namorado e caso tivessem teria de ser “namoro de brincadeira” onde não houvesse as mínimas suspeitas de terem tido contactos mais íntimos, porque caso isso acontecesse ou casavam com o responsável ou já não casariam mais. O facto de isto acontecer pode ser resultado das pessoas pertencerem a uma baixa classe social onde era possível as raparigas andarem pelos campos e lá namorarem, ao contrário do que acontecia em *Ricos e Pobres* relativamente a classes mais abastadas onde as raparigas não tinham liberdade mas caso isto acontecesse os pais poderiam pagar para a casar. Segundo o nosso estudo pareceu-nos vulgar as raparigas irem grávidas para o casamento, embora digam que eram bastante vigiadas, contudo todas elas casaram com os responsáveis.

Brian O'Neill (1984) relaciona as formas de casamento com a herança, numa aldeia serrana de Trás-os-Montes, onde as práticas de casamento e herança revelam grandes disparidades entre a minoria dos herdeiros favorecidos e os excluídos, se por lei todos herdavam igual, na realidade isso não acontece.

Nesta comunidade pouca importância é dada ao casamento e às relações conjugais, existe uma tensão estrutural entre o património e matrimónio, se por um lado as estratégias dominantes procuram conservar o património e manter a força de trabalho na casa natal, cada matrimónio tem em si o perigo da separação e divisão do património nas gerações sucessivas. Em Fontelas, o

poder prevalecente do património separa os poucos que podem casar dos outros que não o chegam a fazer. As residências são diversificadas- tipo solitário, nuclear, alargada e múltipla.

Em relação ao grupo de jornaleiros, existem dois tipos de grupos domésticos- uma estrutura nuclear, de um casal com filhos e uma unidade matrifocal de uma mãe solteira com filhos bastardos (o mais vulgar). Era característico um elevado número de filhos ilegítimos, nascidos de mães solteiras e pequeno número de matrimónios. Em resultado da escala social a que pertencem estes indivíduos mantêm-se fora das linhas centrais de transmissão de propriedade e das alianças matrimoniais prestigiosas. Nos jornaleiros não existem razões para a selecção de um herdeiro favorecido, os bens são escassos, assim as estratégias não se dirigem para a conservação do reduzido património, tentavam isso sim, manter boas relações com os proprietários abastados de forma a garantir a jorna (estratégia utilizada). (1984: 203-337)

Comparando com o grupo estudado verificamos que existem semelhanças em relação à estrutura nuclear do casal com filhos. Não existem preocupações relativas ao património porque ele é inexistente, nenhum dos nossos inquiridos conseguiu casar a nível hipergâmico porque os lugares que eles frequentavam não eram frequentados pelos mais abastados.

Os casamentos são feitos com base na afectividade e os filhos resultantes desse matrimónio podem casar todos e ir viver cada um para uma casa, porque não há a preocupação com a divisão da propriedade.

Para Pina Cabral (1989) “o casamento é uma relação que deve perdurar eternamente é a prática de enterrar os casais na mesma sepultura (...)” (1989: 77)

O casamento e a casa têm um carácter sagrado devendo ser celebrados por uma união cristã. Os casamentos resultam de um acordo entre pais e filhos e são precedidos de um namoro que é a relação social reconhecida por ambos os jovens, eles podem-se conhecer numa festa, feira ou no adro da igreja ao Domingo. Quando há interesse por parte de ambos, então é normal que nos bailes eles dançam o tempo todo, depois o rapaz começa a visitar a rapariga à porta de casa e caso os pais aceitem então a visita torna-se regular aos Domingos e dias de festa.

O processo de herança é activado quando se realiza o casamento do 1º filho do casal chefe e após o casamento muitos são os jovens que vão viver para casa dos pais da noiva.

Nos anos antes ao casamento a noiva e a mãe compram o enxoval, enquanto que o rapaz compra roupas novas e oferece uma peça de mobiliário para a futura casa do casal. Nesta comunidade o dote influencia fortemente a escolha de cônjuge, é o dote que contribuirá no futuro para o fundo comum da casa.

Como constatamos no Bairro Carmona os jovens já se conheciam e era normal que o namoro tivesse início no caminho da fonte e nos bailes (lugar privilegiado pela sociedade para o encontro entre rapazes e raparigas), passando mais tarde para a janela, depois para a porta e caso os pais consentissem (o que era normal acontecer) então entrava em casa.

Em ambos os estudos a noiva nos anos que antecedem o casamento compra o enxoval, contudo, no grupo estudado competia ao noivo alugar a casa e entrar com metade da mobília para a futura habitação, compete a ele levar os ferros para a futura cama, enquanto que a rapariga leva a outra metade das mobílias e compete-lhe a ela levar as peças para a cozinha, assim como o enxoval.

Era comum os casamentos pela igreja, casamentos que resultavam de uma escolha individual e não de um contrato em virtude das junção de propriedades.

Para terminar, e estabelecidas algumas comparações onde encontramos semelhanças, mas sobretudo diferenças entre os vários estudos realizados, há que ter em conta a localização de cada um dos estudos. Assim, damos por concluído o nosso trabalho.

Bibliografia

Almeida, Miguel Vale (1995), *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa: Fim de século.

Afonso, Ana Isabel, (1987), *O casamento na reprodução social duma aldeia de Trás-os-Montes*, Lisboa [s.n.]dissertação de mestrado em Antropologia Cultural e Social e Sociologia da Cultura, apresentada à F.C.S.H da U.N.L., exemplar policopiado.

(1997), *Terra, casa e família* [texto policopiado]: valores em mudança numa aldeia de terras de Miranda (Sendim, 1944-1994), 1ª edição, Lisboa: [s.n].

Augé, Marc, (1975), *Os domínios do parentesco*, Perspectivas do Homem, Lisboa: Edições 70.

Brito, João Pais de, (1996), *Retrato de Aldeia com Espelho (Ensaio sobre Rio de Onor)*, Lisboa: Publicações D. Quixote.

Cabral, João de Pina, (1989), *Filhos de Adão, Filhas de Eva*, Lisboa: D. Quixote.

CEDR- Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional, Anexo I- *Estudos de caracterização física e sócio-económica*, Plano Director Municipal de Vila Velha de Rodão, (1993) Universidade da Beira Interior.

Cutileiro, José, (1977), *Ricos e Pobres no Alentejo (Uma sociedade rural portuguesa)*, Lisboa: Livraria Sá da Costa.

Dias, Jorge, (1953), *Rio de Onor, comunitarismo agro-pastoril*, Lisboa: Editorial Presença.

(1948), *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*, Porto: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.

Figueiredo, José F., (1956), *Monografia de Nisa*, Nisa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda e Câmara Municipal de Nisa, pp.271-281.

Godinho, Paula, (1990), *O leito e as margens: estratégias familiares de renovação e situações liminares em 6 aldeias do alto Trás-os-Montes raiano*, Tese de mestrado. F.C.S.H./ U.N.L., Lisboa: [s.n], ex. policopiado.

Goody, Jack, (1995), *Família e Casamento na Europa*, Oeiras: Celta Editora, p: 133-140.

Henriques, Francisco, (1993), *Baptizado. Puberdade, Casamento e Morte em Rabacinas (Proença a Nova)*, (aluno do 3º ano de Antropologia), ex. policopiado, F.C.S.H- U.N.L.

Henriques, Francisco e Caninas, João Carlos, (sem data), "Violência física na literatura popular do sul da Beira Interior", texto policopiado.

Henriques, Francisco e Caninas, João Carlos, (1997), "Casamento religioso na freguesia de V.V. de Rodão entre 1951 e 1975- Apresentação de alguns dados", Centro Municipal de Cultura de V.V. Rodão.

Henriques, Francisco e Caninas, João Carlos, (1995), "A representação da mulher e do homem na poesia popular do sul da Beira Interior", *Ibn Maruán* nº 5., Monografias locais e regionais, Marvão.

Instituto Nacional de Estatística- Direcção Regional do Centro/ Comissão de coordenação da Região Centro, (1994), *Inventário Municipal da Região Centro- Equipamentos por freguesia*, vol.II, Coimbra.

Direcção da Região Centro de Portugal, *Anuário estatístico de 1996*.

Iturra, Raúl, (1985), "Casamento ritual e lucro: a produção de produtores numa aldeia portuguesa 1862-1963", *Ler História* 5, pp. 59-81.

Martins, E. D. (1991) "Do socialmente pensável ao socialmente possível- Estatuto sócio-económico e estratégias de casamento", *Ethnologia* in Lima, A. M., Casal, A. Y. e outros, Janeiro/ Junho, Revista semestral nº5 do Departamento de Antropologia da F.C.S.H./ U.N.L.

Morgan, Lewis, (1974), *A sociedade primitiva II*, Montijo: Editorial Presença.

Moura, José Carlos Duarte, (1992), *Contos, Mitos e Lendas da Beira*, Etnografia, Castelo-Branco: A mar Arte.

Moura, José Diniz da Graça Motta, *Memória Histórica da notável vila de Nisa*, Fac simile da edição de 1855, Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, pág. 92-132.

O'Neill, Brian Juan, (1984), *Proprietários, lavradores e jornaleiros numa aldeia transmontana*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

(1991), "O casamento", in *Enciclopédia Temática Portugal Moderno*, Lisboa: Edições Pomo, pp.29-38.

Saraceno, Chiara (1992), *Sociologia da Família*, Lisboa: Editorial Estampa Imprensa Universitária nº91.

Strauss, C. Levi, (1977), *Razza e storia e altri studi di Antropologia*, Torino: Einaudi, pág. 168.

Van Gennep, Arnold, (1978), *Os ritos de passagem*, Petropolis: Editora Vozes lda.

Wall, Karin, (1986), *Aspectos do Portugal Rural*, cap. "Casa, família, e terra- uma variedade de situações regionais e sociais", 13º Congresso Europeu de Sociologia rural, Braga, pp.97-99.

Fontes:

Orais- conversas levada a cabo durante todo o trabalho de campo.

Histórias de vida- relatos dos informantes acerca da sua história com ajuda de um guião durante várias conversas, relatos voluntários ou induzidos sobre assuntos específicos.

Manuscritas- Registos paroquiais de casamento.

1941/ 1944/ 1946/ 1950/ 1953/ 1962/ 1984

Anexos

Identificação dos informantes ⁴

Nome- **Augusta** (irmã de Anica)
Idade- 74 anos (nascida em 1924)
Naturalidade- Castelo Branco (onde foi baptizada) e residente em Porto do Tejo
Profissão- Doméstica
Data de casamento- 28/09/46 (aos 22 anos)
Casou com:
Nome- Sousa (tinha 21 anos)
Idade- 73 anos (nascido em 1925- já falecido)
Natural e residente em- Porto do Tejo
Profissão- Jornaleiro

Nome- **Mila** (irmã de Marquinhas)
Idade- 75 anos (nascida em 1923)
Natural- Porto do Tejo e residente no mesmo local
Profissão- Doméstica
Data de casamento- 02/09/44 (com 21 anos)
Casou com:
Nome- Quinto (tinha 22 anos)
Idade- 76 anos (nascido em 1922)
Natural da freguesia e residente em- Porto do Tejo
Profissão- Jornaleiro

Nome- **Isilda** (irmã de Chico)
Idade- 75 anos (nascida em 1923)
Natural- Vila Velha de Ródão e residente em Porto do Tejo
Profissão- Doméstica
Data de casamento- 04/10/41 (com 18 anos)
Casou com:
Nome- Nelo (tinha 24 anos)
Idade- 81 anos (nascido em 1917- já falecido)
Natural- Vila Velha de Ródão e residente em Porto do Tejo
Profissão- Jornaleiro

Nome- **Marquinhas** (irmã de Mila e mãe Armanda)
Idade- 69 anos (nasceu em 1929)
Natural- Leiria (onde foi Baptizada) e residente em Porto do Tejo
Profissão- Doméstica
Data de casamento- Agosto 1953 (aos 24 anos)
Casou com
Nome- Augusto (tinha 32 anos)
Idade - 77 anos (nasceu em 1921- já falecido)
Natural e residente em- Porto do Tejo
Profissão- Jornaleiro

⁴ Todos aqueles que aparecerem com o nome a negrito são informantes com quem falámos. Os dados aqui presentes foram confirmados nos registos paroquiais, excepto os que têm referenciada alguma nota.

Nome- Anica⁵ (irmã de Augusta)
Idade- 70 anos (nasceu em 1930)
Natural- Porto do Tejo onde também reside
Profissão- Jornaleira
Data de casamento- Abril de 1950 (tinha 20 anos)

Casou com:

Nome- Chico (irmão de Isilda) (tinha 22 anos)
Idade- 72 anos (nasceu em 1928)
Natural e residente em- Porto do Tejo
Profissão- Jornaleiro

Nome- Amélia⁶
Idade- 68 anos
Natural e residente em- Porto de Tejo
Profissão- Jornaleira
Data de casamento- Abril de 1950 (tinha 21 anos)

Casou com:

Nome- Hermenegildo
Idade- 71 anos
Natural e residente em- Porto do Tejo
Profissão- Jornaleiro

Nome- Francisca (filha de Isilda)
Idade- 56 anos (nascida em 1942)
Natural- Vila Velha de Ródão e residente em Porto do Tejo
Profissão- Doméstica
Data de casamento- 22/04/62 (tinha 22 anos)

Casou com:

Nome- Leonel (tinha 22 anos)
Idade- 58 anos (1940)
Natural- Samadas de Ródão, (concelho de V. V. Ródão e residente em Porto do Tejo)
Profissão- Jornaleiro

Nome- Armanda (filha de Marquinhos)
Idade - 38 anos (nasceu em 1960)
Natural e residente em- Porto do Tejo
Profissão- Doméstica
Data de casamento- Abril de 1984 (tinha 24 anos)

Casou com:

Nome- João (tinha 26 anos)
Idade- 40 anos (nasceu em 1958)
Natural- Perais e residente em Vila Velha de Ródão
Profissão- Empregado na Portucel

⁵ Este casamento não foi encontrado nos registos paroquiais de casamento, talvez pelo facto de algum dos dados (idade ou data do casamento) fornecidos pelos informantes não estarem correctos.

⁶ Este casamento também não foi encontrado nos registos paroquiais de casamento, talvez pelas mesmas razões da nota anterior.

Guião de questões

- Saber se o inquirido é natural de Vila Velha de Ródão? Se não, de onde é?
- Se casou em Vila Velha ou não? Se casou pela igreja ou pelo civil?
- Como conheceu o marido/ mulher (festa, feira, baile, fonte etc.)?
- A escolha do namorado foi sua ou foram os pais a escolher?
- Onde começaram a namorar?
- Quando namoravam estavam sozinhos ou acompanhados? Se acompanhados, por quem? Viam-se todos os dias ou tinham dias marcados? Se sim, quais os dias?
- Com que idade começou a namorar e com que idade casou; quantos anos namorou com o primeiro namorado e se foi com ele que casou?
- Qual a terra natal do marido/ mulher, se é da mesma vila ou de outra pertencente ao concelho? Qual?
- Uma rapariga que namorasse com quem dançava? E uma rapariga casada?
- Qual a rapariga ou rapaz ideal para namorar, e para casar?
- Como era vista uma rapariga que tivesse namorado muitos rapazes?
- Como era visto um rapaz que namorasse mais que uma rapariga ao mesmo tempo?
- Saber se as raparigas faziam “bruxarias” para casar com um determinado rapaz?
- Uma pessoa que não casava chegava à categoria de homem ou mulher?
- Para o casamento queria-se uma rapariga/ rapaz virgem? E se não fosse?
- Os casamentos são realizados em algum mês ou dia em especial? Se sim, porquê?
- O namorado pediu-a em casamento aos pais? Quanto tempo depois de começarem a namorar?
- Qual a diferença de idades entre o casal?
- Qual a profissão de ambos antes e depois de casarem?
- O casamento realiza-se entre membros pertencentes à mesma classe social?
- Se o noivo é natural de outra aldeia onde se realiza o casamento?
- Quem paga os encargos legais na conservatória do registo civil?
- O que é que paga cada uma das famílias na cerimónia do casamento?
- Quem trata do casamento com o padre?
- Quem prepara o enxoval da noiva? Quais os elementos que constituem o enxoval de cada um dos membros?
- Havia exposição pública do enxoval?
- Preparação da casa dos noivos- amigos, vizinhos, outros?
- Como é o banho antes do casamento? Onde era?

- Fato de casamento do homem e da mulher, onde se compra? Quem o faz e os elementos que o constituem?
- Quem ajudava a vestir a noiva e o noivo?
- Como era o baile do casamento? Se havia contratação do tocador, se havia, por quem?
- Havia a participação da outra mocidade no casamento?
- Quem eram os convidados e quais as prendas que davam?
- Há saída da igreja atiravam flores, trigo ou arroz aos noivos?
- Depois do casamento foi para lua de mel?
- Quem são os padrinhos dos noivos? Os mesmo do baptismo ou outros?
- Quanto tempo depois do casamento nasceu o primeiro filho?
- Como é a cerimónia, qual dos noivos vai à frente? E quem os acompanha? Onde é que os noivos se encontram? Na igreja ou não?
- Organização do casal quando teve filhos? Se a mulher trabalhava quem tratava dos filhos? Se deixou de trabalhar?
- Para onde vão viver após o casamento? Quem vive com eles?
- Casos de violência entre o casal?

“Lenda do rei Wamba”⁹

“Wamba, rei visigodo fundou o Castelo de Ródão, onde vivia com a sua mulher e filhos.

A rainha fugiu, certo dia, para os braços de um rei mouro, o que levou Wamba a procurá-la, disfarçado de mendigo.

Ela reconheceu-o, fingiu ser prisioneira do mouro e escondeu o marido no próprio quarto, entregando-o em seguida ao amante.

Pediu Wamba à generosidade do inimigo que lhe concedesse tocar pela última vez a sua coma. E os seus companheiros de armas ouvindo-o, acudiram-lhe, mataram o rei mouro e trouxeram a rainha para o Castelo de Rodão.

Por sugestão do filho mais novo, o castigo dela consistiu em ser precipitada pela íngreme encosta para o Tejo, e diz-se que onde o corpo rolou nunca mais cresceu mato.

Ao saber do castigo, a rainha proferiu a sua tripla maldição:

Adeus Rodão, adeus Rodão
Cercada de muita murta
E terra de muita...
Não terás mulheres honradas
Nem cavalos regalados
Nem padres coroados!”

⁹ Das muitas versões da “lenda do Rei Wamba”, esta versão foi retirada do Roteiro Turístico de Vila Velha de Rodão editado pelo Centro de cultura e desenvolvimento e Câmara Municipal de Rodão.

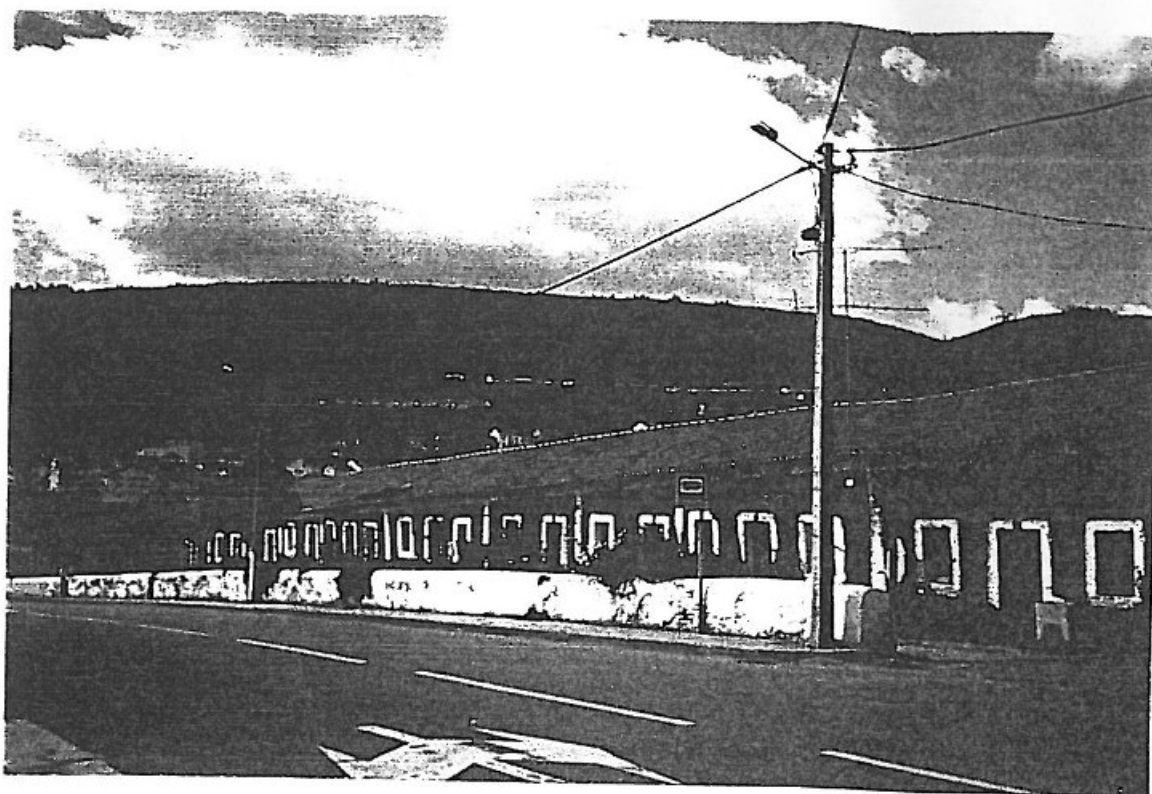


Foto 1- Porto do Tejo- Bairro Carmona

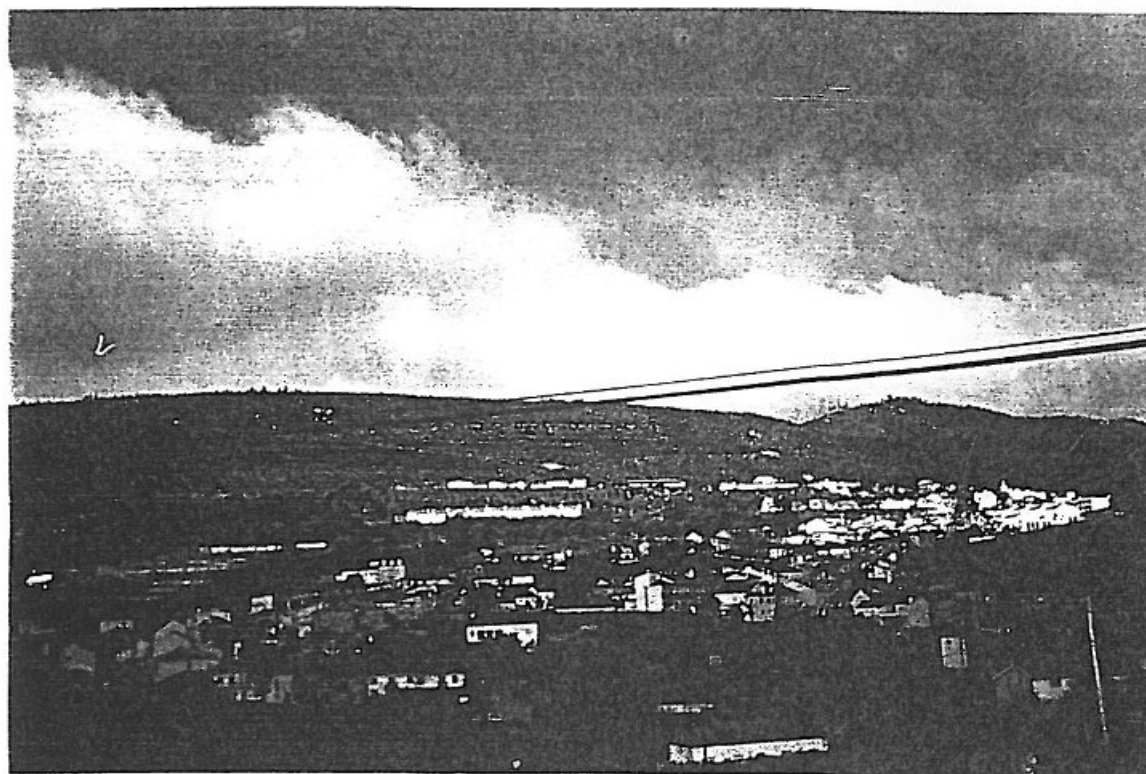


Foto 2- Vila Velha de Rodão

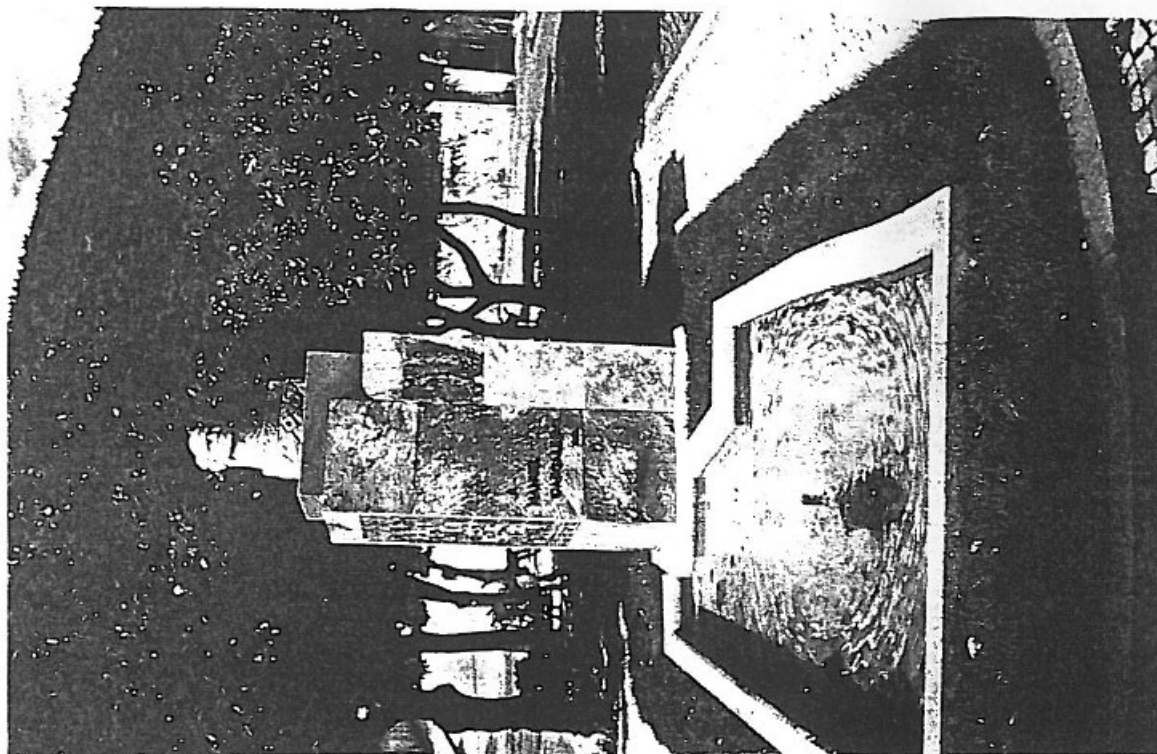


Foto 3- Obra de José Cargaleiro

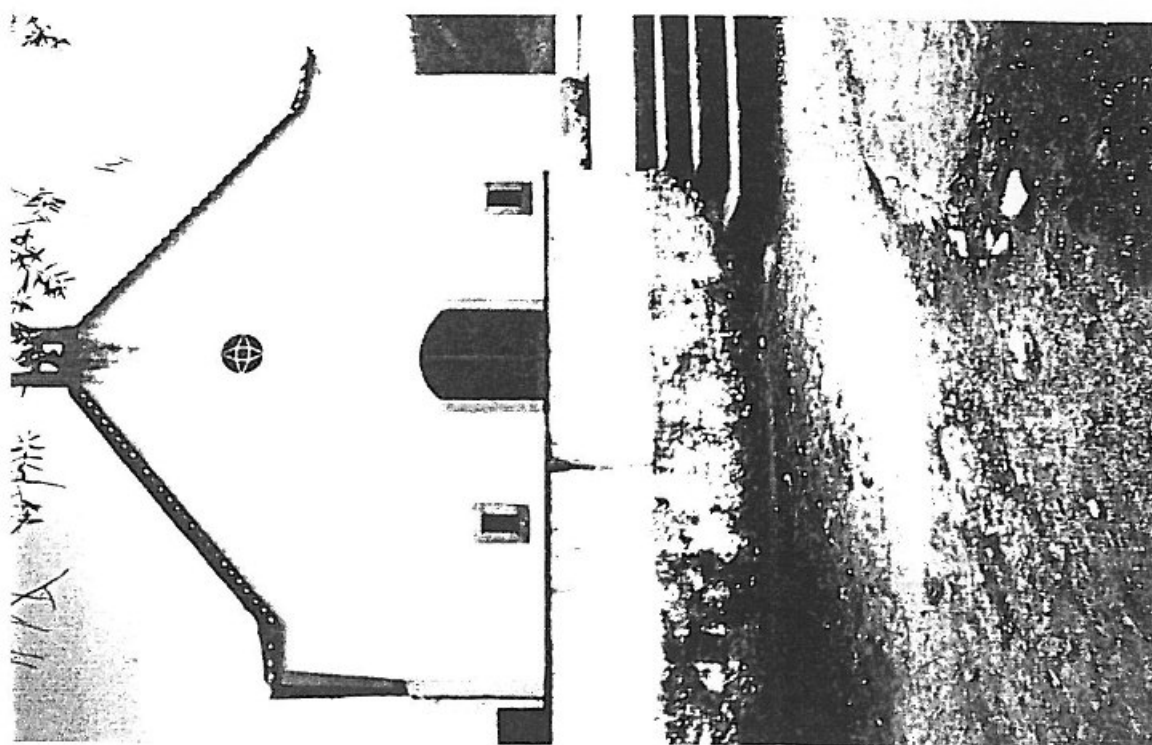


Foto 4- Igreja de Nossa Senhora da Alagada

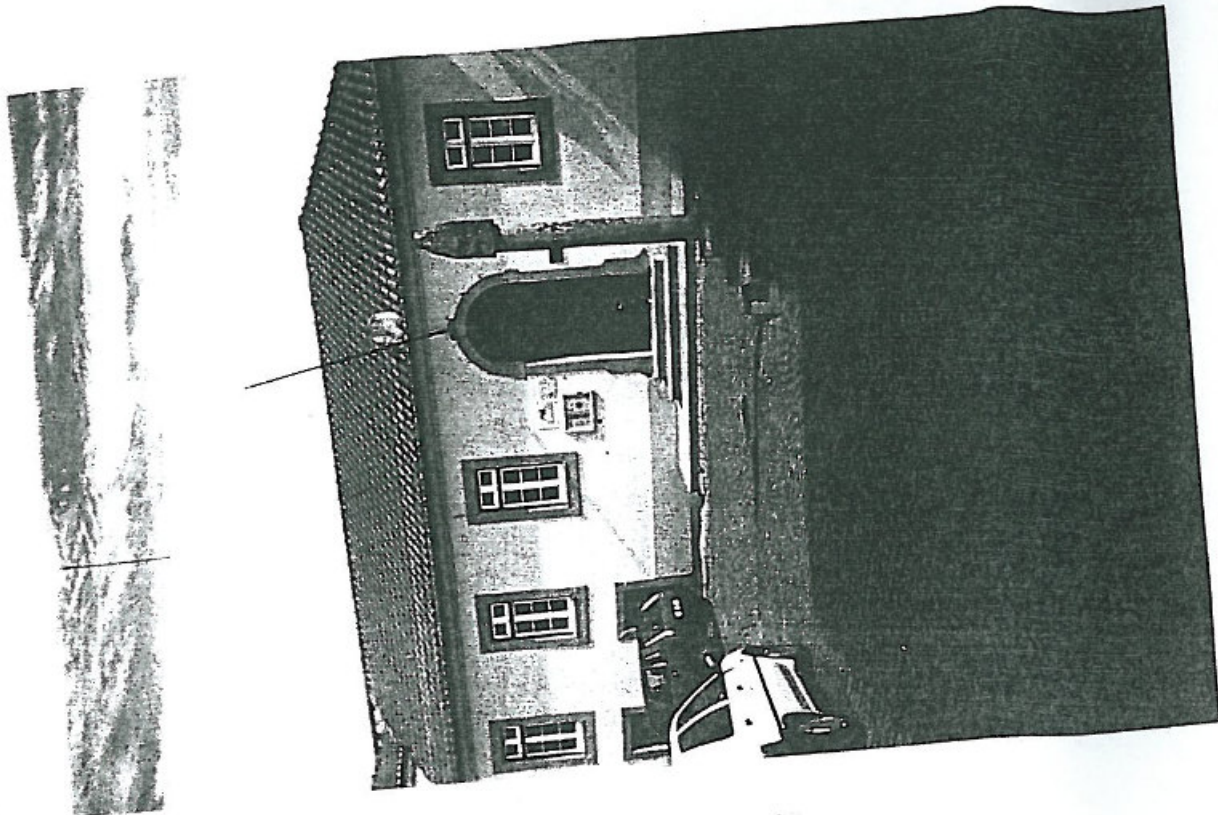


Foto 5- Pelourinho de Vila Velha de Rodão



